

tema de ficção



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Sidor rey

É com humor negro que, no grande conto de Sidor Rey, SCHULIM, narra-se uma estória ambígua de um judeu formoso que sobrevive os anos do campo de concentração. A estranha narrativa, terrível, bela e nauseabunda, coloca lado a lado motivos platônicos, enaltecendo a dignidade humana.

A H I S T O R I A D E S C H U L I M

SYDOR REY

Suspeitava-se secretamente - pelo menos, era esta a minha impressão - de que eu tivesse tendências homossexuais, mas estas suspeitas não me incomodavam. Houve um momento em que andei tão obcecado pelas matanças nazistas, que meu tormento se transformou numa espécie de ternura pelo corpo humano, num anelo por êle, como se êle não mais existisse aqui sôbre a terra, como um corpo de mulher apresentava para mim, homem, um valor definido, estabelecido desde a minha primeira infância, minha nova ternura pelo corpo humano teve de centrar-se no homem.

Assim como meus primeiros desejos de um corpo de mulher afastaram minha imaginação do de minha mãe, do mesmo modo meus primeiros desejos de um corpo do homem voltaram minha imaginação para o corpo de meu irmão martirizado. Via diante de mim o corpo de meu irmão, belo, branco, quente e calmo, como os nossos montes cobertos de neve num silencioso dia de sol.

Foi assim que fiquei sabendo que meu afeto pelo corpo do homem era um eco do amor fraterno e não indicava uma anomalia sexual. A nudez bela de meu irmão como símbolo da fraternidade, um corpo de homem - porque também as guerras são travadas entre homens.

Um dia acompanhei um jornalista ao Hotel Marseille, para ver o primeiro grupo de deslocados que chegavam a Nova York, a maioria dos quais sobrevivera a guerra sôb ocupação nazista.

A feiúra dos homens me deprimiu. A caminho do hotel, alimentara a esperança de que os refugiados fôsem belos, como ferro emergindo do fogo - sua beleza havia de ser uma resposta aos insultos nazistas... Não me doeu a feiúra das mulheres, a feiúra fazia sentido. Elas haviam sido distendidas, desfiguradas pelas crianças que delas brotaram, que nelas se alimentaram, e que agora as rodeavam como fruto nôvo rodeia as árvores. Sua feiúra não ofendia mais que uma árvore deformada, com frutos belos. Mas a feiúra dos homens não fazia sentido algum: era como um esgar congelado de bobos e loucos.

De repente percebi um homem de meia idade, belo de fazer estremecer a alma, parecia sutilmente gasto, como um velho vaso votivo e, por isso mesmo, mais belo. Era como que feito de prata, marfim e madrepérola. A idade não constituia uma componente de sua personalidade - juventude, maturidade e declínio uniam-se nêle como est^ggios zoológicos, contraditórios em um mesmo animal.

Depois de algum tempo, percebi que conhecia aquêle homem, que seu nome era Schulim - tanto me impressionara a sua beleza. Sômente em sonhos rostos

familiares se nos aparecem tão estranhos em sua beleza.

Schulim era feito de matéria luminosa dos sonhos - senão, como explicar sua beleza? Alto, muito esguio, tinha o rosto oblongo, feições encovadas, pele amarelada, olhos cinzentos, e cabelos grizalhos que lhe caíam sobre a testa.

Quando dei por sua presença, estava parado, em silêncio e imóvel, no meio da multidão irrequieta; mas, quando me movi em sua direção, começou, subitamente andar pelo saguão, falando em voz alta, que me lembrava o grasnar ritmado de alguma ave. Pensei: "Uma fênix"? naquele mesmo instante Schulim me viu e, no meio de seus gritos de ave, caímos nos braços um do outro.

Schulim gurgurava por sobre todos os homens no saguão. Subimos pelo elevador até seu quarto, que era escuro, triste e parecia um túmulo, não fosse sua mulher, com uma criança ao peito: assim, lembrava uma toca, quente, de animal. O filho de Schulim, de dezesseis anos, parecia-se tanto com o pai, que se afigurava ter emergido dele, e não da mãe. Entre pai e filho de um lado, mãe e bebê do outro, havia tal diferença de aspecto, que ou o pai e o filho eram humanos - e então a mãe e o bebê eram animais, ou a mãe e o bebê eram humanos - então o pai e o filho eram anjos. Poder-se-ia dizer que ali estava o começo da vida; ali, naquele quarto abafado de hotel de Nova York, o paraíso, no qual a mãe e o bebê eram a Árvore da Vida, e o pai e o filho querubins velado por ela.

Depois disso, passei muitas horas passeando com Schulim por N.Y. Passear era, para ele, uma espécie de contemplação, uma dança simplificada para uso diário. Ele falava somente quando nos sentávamos, e sua voz, que não mudara, que ainda era, tão como em sua infância, como um grito de pássaro, uma mistura de alegria e temor, reconduzia-me aos meses de verão que, em meninos, passávamos, nus, às margens do rio. Naquele tempo, Schulim era tão belo, tão diferente de todos nós, que precisávamos - não só para alívio nosso, como também para o dele - ridicularizá-lo um pouco e o apelidamos de "ocorinha".

Muitas vezes, quando, sentados, num banco, olhávamos Nova York, Schulim exclamava, de repente: Ah! que lindo, que lindo.

Em geral, o que se nos oferecia nesses momentos era um cortiço repulsivo, uma árvore moribunda, ou uma praça coberta de lixo, e eu não conseguia compreender por que ele estava tão entusiasmado. No fim, descobri que, à vista de qualquer coisa feia, Schulim muitas vezes visualizava sua metamorfose, sua transfiguração de feiúra para a beleza.

No momento ele estava desempregado, e um dia me confiou que gostaria de voltar à sua ocupação de antes da guerra, ou seja de objetos de camisaria. Em Nova York, seria um prazer vender belas gravatas, cachecóis, camisas, luvas, lenços, cintos e meias; nesse país de abundância, é possível vender coisas belas aos mais pobres, aos trabalhadores, pensava Schulim, porque mesmo o homem comum tem gosto, embora não tenha força ou tempo para escolher.

-Ah, que lindo, que lindo! - repetia Schulim, admirado por uma vitrina pouco atrente de roupas para homens: tínhamos parado, justamente, diante de uma lojinha num bairro operário. Seu entusiasmo era tanto mais ardente, quando nascera de tris-

teza = dúvidas ,como um lírio d'água num pântano.

-Será que valeu mesmo a pena lutar tanto para sobreviver ? - perguntava às vezes com sua voz de ave,relanceando em tórno rápido,como um pássaro.

Antes da última guerra,na nossa cidade Schulim dirigira uma camisaria famosa na região tôda,cujos fregueses eram os donos das terras dos arredores e os profissionais liberais.Não trabalhara quando solteiro ,mas depois de se casar com Haia, que lhe trouxe um pouco de dinheiro como dote,decidira que uma camisaria era o apropriado para êle - dar-lhe-ia oportunidade de mexer constantemente com sêda,de vestir com elegância os outros e de vestir-se bem êle mesmo.Não havia uma coisa feia em sua loja - no que superava tôdas as outras lojas do mundo - e podia-se encontrar nela artigos tão belos quanto os das lojas de Londres,Paris ou Varsóvia.Schulim tinha orgulho da sua loja e era por isso que se contentava com lucros moderados ,e não tratava seus aristocráticos fregueses com a servilidade de outros lojistas judeus. Ficava em sua loja como se ali tivesse unicamente por prazer,como se a loja não fôsse sua,e eram sua aparência,a elegância de suas roupas,que encorajavam a gente a comprar.Quando seus clientes diziam que êle era um homem limpo,pensavam,principalmente ,em sua limpeza física e na pureza de seu gôsto;êsse modo de estar sempre bem arrumado sugeria honestidade.

O pai de Schulim ,um schochet,literalmente banhava-se em sangue.Era um espetáculo digno de ser visto,êle em seu matadouro,a barba em desordem ,mangas arregaçadas,botas altas,embebidas de sangue,curvar-se sôbre um boi,com a faca reluzente na mão.Era muito alto,mais alto que Schulim;tinha uma longa barba vermelha,olhos cinzentos ,cabelos negros e negros cachos nas têmporas.Dotado de bela voz de barítono,compunha lindos hinos litúrgicos,que os musicos tocavam em bailes nas propriedades . Suas composições ,tôdas em ritmo de valsa,eram destinadas à oração da sexta feira à noite,com que os fiéis saúdam a vinda do Sabá, personificado como a noiva querida.

Tôda sexta-feira,de manhã até à noite,Iehiel patinhava no sangue dos frangos patos e gansos que matava,e depois do pôr do sol,lá estava ,como que no meio do fogo ,diante do púlpito,e seu barítono lírico saudava Sabá,a noiva.

Iehiel recusava ser pago por seus serviços de chantre:parecia-lhe que,se aceitasse renumeração,uma única vez que fôsse ,não seja nunca mais capaz de compor uma canção,e poderia mesmo perder a pureza da sua voz.

Durante a ocupação,o velho schochet ,decidido a não deixar os nazistas desonrarem seu corpo,matara-se de fome.

Não sei como fêz - dizia Haia . - Por alguns dias não comeu nada,sentado diante da Bíblia,cantando canções de vez em quando,e assim adormeceu para sempre. Não sei como fêz;meu sogro era forte como um leão,e não há dúvida que Deus lhe facilitou a morte.

=====

-Onde estão os heróis do período da ocupação ? - perguntei a Schulim .

-Heróis,heróis ! - disse Schulim ,apontando a terra com o dedo. - Todos êles morreram ,não restou nenhum.Foram todos gastos ,sô para salvar a humanidade. É verdade que alguns heróis potenciais ainda sobraram ,aqueles que não tiveram tempo de se tornar heróis;são os que sobreviveram à ocupação ao lado dos heróis,graças ao

heroísmo destes, e são os melhores dos sobreviventes. Pois só eles emergiram da ocupação para dar testemunho da existência de auto-sacrifício, de lealdade, heroísmo, e vínculos sociais..!

"Só êsses homens, disse Schulim, podem restaurar os valores humanos, ou seja, aquelas qualidades belas que o homem adquiriu graças, a seus vínculos sociais. Quando digo que todos os heróis morreram — exclamou — refiro-me somente àqueles que, como se fôsse essa a única maneira humana de viver, viviam só para a comunidade. Alguns bravos sobreviveram. Você se lembra de Miécio Artman, cujo pai era administrador de uma propriedade em Chocien? No tempo da ocupação, Miécio, com a ajuda apenas da amante, escondeu-se sózinho na floresta, e depois da ocupação, vagou por aí, com uma pistola automática na mão, matando todo colaborador que encontrasse. Bem, e daí? Ele sobreviveu, tirou sua vingança, mas que parcela de humanidade terá sobrevivido nele?

-- Meu pai se trancou num armário de carvalho, quando vieram levá-lo, para um campo de concentração - disse Haia - e recusou-se a abrir a porta. Os nazis o balearam através da porta e o deixaram lá.

-- Ah! toda a família dela é teimosa - disse Schulim.

Não me contou nada de si mesmo. Eu sabia que ele trabalharia num almoxarifado militar dos alemães, onde era protegido de um certo Capitão Heinecke, e que passará os dez últimos meses da guerra num abrigo subterrâneo.

Quando, com aparente indiferença, perguntei:- e com você, como foi?

-- êle me contou, ao invés, como seu benfeitor, o Capitão Heinecke, a matara Janek - Janek, a quem as tias vestiam de meninas até os 6 anos pondo fitas em seus longos cabelos ou traçando-os tanto, que as outras crianças o consideravam uma menina, e êle continuava menina pelo resto da vida, a cara da mãe.

A mãe de Janek morrerá, mal contava êle uns dias de vida, e ficou sob os cuidados das 4 irmãs mais velhas da mãe, todas solteiras, e lindas como a mãe o fôra. Suas futuras decidiram educá-lo como menina, para substituir a irmã menor, morta. Janek era para elas uma irmã substituta; as tias o criaram de tal maneira, que no fim êle se identificou com a mãe e, rapaz crescido já, exhibia orgulhosamente sua graça, feminina. Parecia uma jovem que acabasse de acordar. Seria porque as tias lhe haviam contado como sua mãe, poucos dias depois de tê-lo dada à luz, bela entre os lençóis brancos, dissera, sorrindo; "boa noite, queridas", fechando os olhos, como se fôsse dormir, e tinha morrido?

Ao ver Janek com um grupo de judeus que iam ser mandados para um campo de extermínio, o Capitão Heinecke, dirigirá-se a êle, tomara-lhe a mão, levava-o para fora - estava precisando de um chofer.

Por um ano, Janek foi chofer do Capitão, belo de botas justas, calças e jaquetas de couro, o cabelo loiro e ondulado escapando debaixo do boné.

Certa manhã, o capitão ordenou-lhe que visse alguma coisa no motor do carro, e, quando Janok se curvou, o capitão deu-lhe um tiro na nuca, e afastou-se. No dia seguinte, Janok seria conduzido a um campo de ex término; êle não sabia disso. Aparentemente, o Capitão Heinecke fica ra com pena, ou então quisera provar que não nutria simpatias por ju-
deus - ou talvez ambos os motivos ditassem sua ação.

Em outra ocasião, Schulim respondeu à minha pergunta: - E com vo cê, como foi? - contando como o capitão matara Prokop, que fôra o cam ponês mais bonito da nossa região.

Alto, encorpado, com um bigode vasto, dourado, e grandes olhos a zuis, Prokop era diferente, em sua beleza, dos outros camponeses. En-
bora descendente de gerações de camponeses, parecia um ator represen-
tando o papel de um camponês. Trab lhava duro mas estava sempre bem
pôsto, descansado, e sua rosto era alegre e invariavelmente festivo;
seu corpo, como o de um cavalo, estava sempre estremecendo, cheio de
risadas escondidas. Trajava-se à moda rústica com tecidos grasseiros,
feitos em casa, como todos os outros camponeses, e mesmo assim havia
nêle algo de suave e elegante, como se vestisse sôdas.

Prokop mantinha suas terras, construções, cavalos e gado nas mo-
lhores condições. Tinha os trabalhadores mais bonitos da aldeia, e a
mais bela das mulheres - pois que outra pode ser desposada por um ho-
mem que não faz senão olhar para ela? Tinha mulher porque não pode ha
ver fazenda sem mulher. Também necessitava dela para seus amados tra-
balhadores: quando algum dêles queria uma mulher, para variar, não
precisava deixar a fazenda.

Embora, de vez em quando, Prokop fôsse objeto de brincadeira, nin
guém se surpreendia com isso tudo, nem se indignava, porque gente de
aldeia aceita calmamente essas escuriedades de nascença. Prokop,
pertencia a uma velha família da região, era bom fazendeiro, bom vizi
nho, e era tratado como qualquer outro fazendeiro.

Um dia teve um ataque apoplético, que o deixou mudo e parcialmen-
te paralisado. Daí por diante, arretava-se pela aldeia com o rosto,
contendo, um dos olhos repuxados para baixo, um braço e uma perna
curvos, e o órgão tristemente pendendo da braguilha aberta, parece que
por conveniência, a fim de não se molhar quando satisfez as suas ne
cessidades.

Também seus vizinhos se acostumaram com isso depressa. A maioria
considerava a condição de Prokop um castigo divino, um ato de justiça
imaneante; as mulheres comentavam, bem-humoradas, que "de qualquer jei
to, a coisa nunca fôra muito útil". O Capitão Heinecke frequentemente
encontrava Prokop pelos campos, e tôdas as vêzes ficava terrivelmente
irritado; no fim deu-lhe um tiro. Ninguém estava presente, mas todos,
sabiam que Heinecke o matara: diversas vêzes declarara que Prokop de-
via ser liquidado, porque isso não era vida para êle, e nem os outros
deviam ser obrigados a ver criatura tão repugnante.

--- Se fôsse questão de feiura, Heinecke devia ter-se suicidado - disse Schulim. --- Prokop ainda apresentava aspecto humano, mas êsse Heinecke era tão feio, que fedia.

Nada ofende tanto quanto um homem bonito que, com a juventude, - perdeu também a humanidade. O rosto de alguém assim, em vez de envelhecer gradualmente, morre de repente . . . e se desintrega, - deixa de ser humano.

Heinecke era uma dessas pessoas que não suportam o impacto do tempo, cuja humanidade não consegue atravessar a soleira da velhice, nem mesmo a da maturidade; sua juventude é breve, e também o é sua humanidade.

Era poeta; na primeira juventude, publicara um volumezinho de versos perdidos e superficiais, escritos - conforme imaginava - no estilo da Grécia antiga, nos quais a vida humana, reduzida a elementos físicos e juventude masculina, aparecia terrivelmente insignificante e curta. A vida era insignificante - o importante era a morte.

A vida de Heinecke reduzira-se apenas à juventude, e depois também esta se fanara. Perdendo a vitalidade, muito jovem ainda, continuou mais tarde impolido pela ilusão de sua própria juventude e beleza. Assim iludido, era-lhe fácil apontar o que era feio nos outros, considerando sua piedade em relação às pessoas feias como missão estética. Era com êsses estetas que os nazis contavam para realizar sua política de extermínio, e a fim de facilitar sua missão, haviam reduzido sua vítima ao nível de vermina repulsiva.

Foi assim que os países ocupados pelos nazistas vieram a prover, Heinecke de um magnífico campo de ação. Foi êsse Heinecke que pôs - Schulim sob sua proteção, a êle é que Schulim devia a vida - o próprio Schulim me contou isto. Não fôz menção alguma de me explicar simplesmente e diretamente como sobrevivera debaixo de tal homem: aparentemente não conseguira explicar o caso nem a si mesmo, e tive a sensação de que nem isso lhe interessava. Sabia que eu não podia nutrir, nem alguma de que êle col borara com o inimigo, porque havia testemunhas, e isto lhe bastava.

Schulim não dava a impressão de alguém que estivesse escondendo, algo. Sem se fazer de rogado, contara-me as histórias de Janek, Prokop e outros incidentes relacionados com o capitão, e contava tudo isso com convicção de que estava falando de si mesmo. Além do mais, pensava que a questão de como lograra sobreviver era do meu interêsse, não do seu e que no fim eu a compreenderia e a explicaria a êle. Esperava que eu encontrasse nêlo a chave da questão, era só eu continuar perto dêle.

--- Lembra, um dia um retrato de um homem, lindo, valioso, foi descoberto na cabana de um pobre montanhês - disse.

--- Fazia anos que o retrato estava pendurado lá, o camponês nunca tentara vendê-lo. Achou-o em algum lugar, durante a primeira guerra mundial, gostou d'êlo, pendurou-o em sua parede, e depois esqueceu-o - que ficasse. E êste retrato sobreviveu...

Chegando à nossa cidade, o Capitão Heinecke foi visitar Schulim, o qual, a essas alturas, já fechara a loja, e exigiu que lhe mostrasse tudo o que restara da mercadoria. Schulim só tinha uns poucos artigos, mas todos da melhor qualidade.

--- Schoen, schoen - repetia o capitão enquanto Schulim lhe mostrava, as camisas, gravatas, meias e lenços. Mas o que mais o impressionou, foi a beleza indestrutível de Schulim, daquela beleza que distingue as obras-primas de que nada resta a não ser a beleza.

As mãos e unhas de Schulim estavam descuidadas, mas eram belas; seu cabelo não fôra nem cortado, nem lavado, mas ficava-lhe belamente na cabeça; seu terno, embora gasto e manchado, assentava-lhe tão bem quanto as penas assentam a um corpo de pássaro, e seu rosto devastado parecia mais belo por ser devastado.

Tendo-lhe dado beleza, a natureza não mais podia roubá-la de Schulim. Toda a sua vida, o Capitão Heinecke laborara na ilusão de que só a êle fôra dada beleza tão indestrutível, e agora, descobrindo-a em outra pessoa, sua delusão reforçou-se. Mais ainda: considerava a beleza de Schulim como sua. (Sempre consideramos nossas as posses alheias que suscitam nossa cobiça apaixonada; por isso é que nos é tão fácil estender a mão para pegá-las).

Ordenei a Schulim que entregasse a mercadoria em seu alojamento, e que no dia seguinte se apresentasse para o trabalho no almoxarifado militar. Schulim foi mantido nesse almoxarifado por mais de um ano. O capitão o salvou de diversas batidas sucessivas, e arrumou-lhe um esconderijo subterrâneo já de antemão, para o caso de sua intervenção, ser mal sucedida.

Por que Heinecke ajudara Schulim ou, mais exatamente, por que não o deixara morrer? É óbvio que eu não podia perguntar isto a Schulim. Mas o próprio Schulim perguntou, em sua voz de pássaro: - Por que os leões não molestaram o profeta Daniel? Será que emanava d'êlo um ardor que amedrontava as feras, que o confundiam com fogo, ou será que se exalava d'êlo um odor que mantinha os leões à distância?

Minhas insinuações quanto à natureza da relação de Heinecke com Schulim devem, suponho eu, ser tomadas como hipotéticas. Mas, se eu pudesse repetir tôdas as observações, todos os olhares e gestos casuais de Schulim e, sobretudo, se eu pudesse, por meio de palavras, revelar Schulim a outros da maneira como êle próprio se me revelou, minhas conjecturas teriam para outros a mesma eloquência verdadeira que têm para mim.

O fato é que havia uma qualidade indefinida em Schulim e por causa disto a coisa indefinida é que Heinecke lhe conservou a vida. Para ser mais exato, Heinecke não o deixou morrer porque havia algo de incognoscível em Schulim. Heinecke ficou fascinado pelo incognoscível.

Nem por um momento Schulim permitiu que Heinecke esquecesse que êle era um homem, um ser vivo; pois um ser humano vive enquanto se conserva nêle sua humanidade, e enquanto Schulim fôsse belo, era um homem. Amiúde imaginava que Heinecke estava à espera dêle, como cães famintos atrolados a um trenó esperam que o mais fraco dêles tombe e exausto, para então se lançarem sôbre êle; até as aves numa gaiola se comportam assim. Schulim tinha de ser imaculado, a mais leve falha teria provocado Heinecke, tal como o sangue provoca o tubarão.

Naqueles dias terríveis, sua beleza indestrutível proclamava a superioridade da vida sôbre a morte; em sua presença, Heinecke sentia que o homem pertencia à vida, que não tinha nada em comum com a morte.

A beleza de Schulim confirmava a ilusão de Heinecke sôbre sua própria beleza, e desportava-lhe o anelo de imortalidade. Assim a beleza de Schulim tornou-se sua, e a vida de Schulim tornou-se sua, e proteger a vida de Schulim era proteger a si mesmo. (É êste supponho, o significado de "ama a teu próximo como a si mesmo").

Heinecke preferia tratar os homens como certos conquistadores trataram as mulheres nos países que subjugavam - tê-los-ia poupados a todos. Resignou-se a exterminar um sem-número só porque considerava o fato como uma campanha contra a feiura; a condição em que se encontravam tais homens convenceu-o de seu motivo, e sua proteção a Schulim provava-lhe que era sincero. Defender Schulim era defender suas próprias convicções.

À medida que eram mortos seus parentes e amigos, Schulim tornava-se mais belo. Era suas vidas que êle absorvia mais que suas mortes, e a vida de cada um dêles agora lhe parecia bela. Sentindo que precisava viver por êles, absorvia suas vidas. Ameaçado constantemente pela morte, não esqueceu nunca sua própria vida, como se tal lapso tornasse uma concessão à morte. Estava assim constantemente lutando contra a morte, transformando a morte em vida, produzindo milagre.

Talvez fôsse esse o elemento incognoscível que fascinava Heinecke, um elemento de que Schulim ainda trouxera vestígios à Nova York. --- Devia ter visto como Heinecke onfeava de dia para dia - disse Schulim. - As pessoas eram assassinadas à sua volta, e êle onfeava, como se cada morte imprimisse uma sombra à mais em seu rosto.

Eu disse a Schulim que sua beleza, a meu ver, salvara-o da morte. --- Pode ser, pode ser - respondeu com uma modestia que só podia refletir simplicidade. - Mas agradava bastante a Heinecke que eu não gostasse dos bolcheviques, e ridicularizasse seus modos e uniformes.

Ou teria Schulim sobrevivido simplesmente por ter sido amante do capitão Heinecke? Voltava muitas vezes a essa suposição, embora sabendo-a infundada. Mas lembrava a mim mesmo que, se fôsse assim, êle não se sentiria constrangido em mencioná-lo, como um dos pesadelos da ocupação. Ter-me-ia provavelmente relatado naquela maneira simples, elegante, abstrata, que possibilita ao narrador falar sobre si próprio, como se fôsse uma terceira pessoa, o que, não obstante encarece a plausibilidade de sua história, embora removendo a sordidez de algo sórdido a dim de torná-lo mais acessível. Se, sob a ocupação, Schulim houvesse comido excremento (um dos grandes antiquários de Nova York me contou tê-lo feito), falaria do fato como de algum infortúnio humano.

Além disso, não precisava me dizer que tôdas as suas experiências lhe haviam deixado marcas, e êle as revelava com tamanho tato, que nós, os não iniciados, conseguíamos olhar para elas sem piscar. --- Como essas experiências foram tão dolorosas, deve ser duro ficar ouvindo histórias sobre elas - notava Schulim. O que se costuma dizer nessas ocasiões: "se eu conseguisse suportá-las, vocês bem podem escutá-lhas".

Não só ocupação deixará de matar a sensibilidade de Schulim ao sofrimento, ela nem ao menos afetara seu senso estético; para êle os dois eram idênticos. Um dia contou-me que um senhor de idade havia abordado seu filho num cinema perto de Times Square, com propostas óbvias - seu filho lho tinha contado. Qualquer pessoa que estivesse observando Schulim e ouvindo seu relato do incidente teria notado que a homossexualidade era para êle tão estranha quanto o canibalismo.

Fui com êle a um banho turco, e quando vi seu corpo, tive certeza de que Heinecke olhara para Schulim como se estivesse vendo o corpo de Cristo. Para Heinecke, para quem a forma ideal era representada pelo corpo masculino, Schulim encarnava grandes valores espirituais e era, por isto, sexualmente negativo.

Êle admirava e protegia Schulim apesar da ausência de atração sexual, e com isto provava a si mesmo sua lealdade platônica ao corpo masculino. Precisava de tal prova, ou porque estivesse velho, ou então por que os anos de guerra o tivessem afetado tanto.

Ao olhar para o corpo de Schulim senti que, para Heinecke, representara o mesmo que representava para mim - uma resposta à degradação infligida ao homem; e que a proteção de Heinecke constituíra o protesto de um hedonista ofendido. Para manter a pureza do protesto, nesta sua proteção de Schulim, Heinecke precisava abster-se de um comércio sexual com êle. Além do mais, estou certo de que, se Heinecke tivesse mantido alguma relação sexual com Schulim, acabaria por liquidá-lo, ou por deixá-lo morrer.

Da atroz devastação, uma vida humana, bela, fôra salva, e Heinecke a defendera - precisava desta satisfação.

Schulim contou-me que um dia, quando êle e sua mulher já se en-

contravam por trás do arame farpado, prestes a serem embarcados para, um campo de extermínio, o Capitão Heinecke aparecera de repente numa limusine elegante, exibira algum documento ao guarda, e depois levou Schulim de volta ao almoxarifado, enquanto Haia permanecia dentro, do cercado.

--- Bem, o que fêz Lot, quando sua mulher virou estátua de sal? - exclamou Schulim na sua voz de pássar. - Fugiu da chuva de fogo. - Schulim pensou que tivesse perdido a mulher, mas no dia seguinte o cozeiro Proksymiak, na casa de quem Schulim escondara seu filho pequeno, - veio lhe contar que Haia estava com êle. Ficou-se sabendo que ela entrara na latrina num dos limites do cercado, espremeira-se pela abertura para dentro da vala, atravessara a côrca e escapara através dos campos até o cemitério e a casa de Proksymiak.

--- Eu lhe disse, ela descendo de uma família teimosa - arrematou Schulim, apertando o nariz com dois dedos.

Haia e seu filho pequeno permaneciam escondidos na casa de Proksymiak, enquanto Schulim continuava a trabalhar no almoxarifado.

Um dia o capitão lhe declarou que daí por diante nada mais podia fazer por êle, que Schulim precisava ocultar-se. Puk, acrescentou, viria à noite levá-lo ao esconderijo.

Puk informara antes Schulim de que lhe preparara um abrigo por ordem do capitão, com quem Puk, o manco, metade camponês, e metade comerciante, barganhava ovos, galinhas, manteiga, queijo e creme de leite por tabaco, café, chá e açúcar. Heinecke jamais veio a saber onde era o lugar do esconderijo, e Schulim, só no último instante.

À noite, Puk levou Schulim, Haia e o filho para o seu ático, onde sua mulher, que era de ascendência judia, e côrca de uma dúzia de judeus viviam numa vala hábilmente camuflada no estábulo. Nesta vala, Schulim e sua família agridaram-se até a retirada dos alemães.

Havia diversos casais na vala. Quando perguntei se isso não provocara situações embaraçosas, Schulim exclamou: - Ah!, você sente curiosidade por êsses personagens bobos, como todos aquêles escritores, baratos|... Não houve nada de drástico. De vez em quando algum de nós imaginava estar vendo alguma coisa, mas depois se convencia de que havia sonhado, e fechava os olhos.

Schulim contou que a coitada da Sra. Puk, que era católica devota e muito pudica, rezava alto, para disfarçar, tôda vez que se sentava no penico. Ou será que nessa posição a pobre mulher se sentia - mais vulnerável, como um cachorro, e rezava de Mêdo?

Uma senhora cuja irmã estivera com Schulim na vala contou-me que no momento em que Schulim lá aparecera, todos os outros parecaram ficar mais nobres.

No dia da retirada dos alemães, a viúva de Prokop matou o Capitão Heinecke. Atirou-se sobre ele no campo aberto e deu-lhe na cabeça com uma acha. - Isto é por você ter assassinado o pobre Prokop | - gritara.

Disseram que Heinecke morreu de medo, e não da pancada. Seu corpo ficou largado no campo solitário por vários dias.

--- Ah | como ficou feio depois de morto | - Disse Schulim. - Senti pena da dôle.

--- Como? Você acha que não se deveria matá-lo? - perguntei, surpreso.

--- Não, não | Ele merecia morrer depois de tais crimes. Mas tive pena porque depois de morto ficou tão repulsivo.

Após a retirada dos alemães, Schulim trabalhou por algum tempo num curtume, separando o couro cru, mas sentia-se atraído pelos países inatingidos pela guerra.

--- Todos os lugares eram feios, feios como a morte - disse. Alguns meses depois da sua chegada a Nova York, Schulim aranjou uma banca de gravatas num setor habitado principalmente por operários e alguns escritores, artistas e atôres principiantes.

Nem uma só das gravatas da sua banca era de mau gosto; eram todas de qualidade superior em tecido e estampa, e fora daí só podiam ser obtidas nas lojas mais elegantes de Nova York. Schulim vendia-as por uma fração do preço de qualquer outro lugar, e mesmo assim tinha algum lucro. Ficou conhecendo diversos fabricantes e atacadistas, e comprava mercadoria levemente imperfeita por preços baixos.

Os transeuntes não vinham atraídos pelas gravatas, que eram discretas demais para o gosto deles, por demais sutis; chamava-os a aparência de Schulim, suas roupas, seu rosto, seus olhos de coruja, sua postura. Quem quer que parasse por um só momento na sua banca sentia imediata necessidade de melhorar sua aparência, e comprava a primeira gravata, que não podia ser feia, porque não existiam gravatas feias na banca. Embora muito cuidadoso na escolha de sua mercadoria nos estoques dos fabricantes e dos atacadistas, Schulim vendia-as displicentemente, como se as distribuisse de graça.

Tôdas as suas gravatas tinham o mesmo preço; às vôzes, à maneira grandiosa de um homem de altos negócios, ele não tirava lucro algum. Em pouco tempo sua banca se tornou famosa nas redondezas e havia deloito à sua volta, como se estivesse distribuindo a boa vida. As mulheres lhe sorriam com uma ponta de medo nos olhos.

Sob a influência de Schulim, também comecei a me vestir com mais cuidado, numa espécie de alegria infantil. Meu corpo se distendeu e encheu-se de risadas. Comecei a ver-me como um protesto contra as degradações nazistas. Sempre visitava Schulim na sua banca; e ele repetia sempre que precisava, algum dia, abrir uma canisaria, uma loja, com árvores na frente e um rio nos fundos; e que num país tão rico quanto os Estados Unidos, mesmo o mais pobre dos homens podia traçar-se elegantemente.